



EUTOMIA

REVISTA ONLINE
DE LITERATURA E LINGUÍSTICA

Poesia

Ruy Proençaⁱ

EFEITO PARADOXAL

a calçada sobre
a cadeira de bar sobre
mim sobre
as nuvens sobre
o céu

tudo levita
de ponta-cabeça
depois que engoli
o sol

ou

isso é apenas
ressaca de hospital?

TRENS URBANOS

Não são como os ratos
ou os vira-latas.

Nunca desviam,
os trens.

Este sempre acompanha
o rio morto vivo.

Aqui dentro, uns lutam pra dormir,
outros, pra acordar.

Uns achando que a vida
é preparação pra morte

Outros, que a morte
é o motor da vida.

Outros não acham nada.
Sobrevivem

Os meus botões pensam:
morte em vida é que é o problema

Cocteau pensava além: a vida
é uma queda na horizontal.

O trem pára. A porta se abre.
Na falta,

qualquer rua, pra mim,
é rio.

ENCONTRO

Chegam primeiro
os ventos quentes.
Tomam de assalto
a cidadela.
Os circuitos de proteção
automaticamente
se desligam.
As pontes levadiças
baixam.
Um leque
de ventosas invisíveis
se abre
lentamente
sobre a imagem
do outro
que se aproxima.
Quanto mais se aproxima
mais se revela
sua geografia
de espinhos,
seu corpo
de minúsculos
guarda-chuvas.
A ilha de ventosas
uma a uma
as lanças embainha.
Traz ainda
estoque
de matéria
aderente.
Por um instante
antes de regressar
à escuridão particular
duas impossibilidades
se misturam.

ERAM DIAS DE PASSAROS ANINHADOS

eram dias de pássaros aninhados
no beiral dos meus olhos

era a casa pequena
os olhos capazes de se lançar como pássaros
a partir das janelas

os barulhos mentais
escoando pouco a pouco para outro lugar

estava livre
afinal
para receber o sol

sol pescado na aurora
e trazido à tona em rede de trinados

a porcelana trincada do tímpano
novamente se fazia fino couro de tambor

havia uma primavera
trabalhando em cada árvore

O TIETÊ NÃO VAI AO MAR

Vem, Lídia,
enlacemos as mãos
e atravessemos correndo
as sete pistas da via expressa
para não sermos atropelados
como os cães.

Vem, Lídia,
cheguemos mais perto,
do rio retificado.
Ignoremos o barulho dos carros, o mato das
[margens
Ignoremos os detritos na correnteza
e o cheiro nauseabundo.

Vem, Lídia,
mas não nos sentemos:
que a surpresa
de um cadáver com ratazanas
pode nos casar a ferro quente
para toda a eternidade.

Vem, Lídia,
desenlacemos as mãos,
não mais nos toquemos.
Simplesmente
deixemos a vida passar
como o rio passa: sem religião, um féretro, um
[morto.

ⁱ RUY PROENÇA nasceu em São Paulo, em 1957. É engenheiro de minas formado pela Escola Politécnica da USP, tendo feito paralelamente o curso de História na mesma instituição. Participou de diversas antologias de poesia, entre as quais se destacam: *Anthologie de la poésie brésilienne* (Chandeigne, França, 1998) e *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21* (Publifolha, 2006). Traduziu Boris Vian e Jean-Pierre Siméon. Atualmente trabalha na tradução de poemas de Paul Keineg. É autor dos livros de poesia *Pequenos séculos* (1985); *A lua investirá com seus chifres* (1996); *Como um dia come o outro* (1999); *Visão do térreo* (2007) e dos poemas infanto-juvenis de *Coisas daqui* (2007).

* Os poemas aqui publicados foram extraídos do livro *Visão do térreo*.